

LÚDICO: Semente a Fertilizar

Elizara Carolina Marin*

RESUMO

Através da voz e da vida de mulheres rurais moradoras na Comunidade de Vale Vêneto - Rio Grande do Sul, procuro apontar o quanto é humano a presença da dimensão lúdica nas coisas que realizamos e a importância das aulas de Educação Física como um espaço para fertilizar o que está esquecido dentro de nós.

ABSTRACT

Through the voice and life of rural women, dwellers of Vale Vêneto Community, Rio Grande do Sul, I attempt to point out how humane the presence of the play dimension is in everything we do, as well as the importance of Physical Education classes as an area to fertilize what is forgotten inside us.

* Prof^ª. Assist. da UFSCar - DEFMH.



ara escrever sobre a importância do jogo para a Educação Física remete-me a um termo que o engloba, o qual tem sido (compulsoriamente) banido da vida das pessoas por julgá-lo não habitar o mundo das coisas sérias: o

lúdico.

A lógica do tempo útil (“*tempo é dinheiro*”) penetrou nas diversas esferas da vida, disciplinando o tempo das pessoas. E o lúdico no interior do trabalho passou a ser compreendido como empecilho à produtividade. Simone Weil,¹ através das suas reflexões advindas da própria experiência no trabalho de fábrica, alerta para a servidão a que estão submetidos os operários curvados sobre a fria ferragem. Executam sucessivos e repetidos gestos, numa cadência frenética, pregados num ponto do espaço, impedidos de cantar e de sonhar.

Esta lógica atingiu também, nas palavras de Ademir Gebara, “*o controle das atividades motoras do ser humano, inclusive em suas dimensões lúdicas e esportivas*”.² O lazer, o jogo, o esporte, alude o autor, tomando como referencial as dimensões do tempo, passaram a ser universalmente controladas através dos mesmos mecanismos que comandaram a instauração do sistema industrial.

Huizinga,³ já em 1938, apontava para o desaparecimento do elemento lúdico na vida dos homens, alertando que quem perde com o seu desapareci-

mento é a humanidade. Com a perda do conteúdo não-material presente no jogo, da diversão ocasional, da arte, do sagrado, da estética, perdem-se qualidades essenciais da vida. Rompe-se com a totalidade e com a comunhão entre as coisas belas.

Uma pesquisa realizada com mulheres rurais descendentes de imigrantes italianos, moradoras na Comunidade de Vale Vêneto, no estado do Rio Grande do Sul, permitiu-me conviver e compartilhar de suas vidas, buscando interpretar e compreender como o lúdico se inscreve no cotidiano de personagens que, embora inseridos na lógica do mercado, não assimilaram no todo suas regras. A vida dessas personagens não muito comum nas discussões sobre Educação Física, enriquece o debate, na medida que aponta através das especificidades, traços solapados e obscurecidos pelas relações movidas pelo mercado: a alegria no contato com as coisas simples, a autonomia na organização diária, a vivência do descanso, do riso, do canto e do brincando no interior do “corre-corre” diário. Ensinam-nos elas o quanto é humano a presença da dimensão lúdica em tudo o que fazemos.

Lúdico e Cotidiano de Mulheres Colonas

Estas mulheres, ao trabalharem com a terra, produzem em conformidade com as estações do ano, com o movimento do sol, da lua e da vida social. Guiam-se, portanto, preponderantemente, pelo tempo da natureza. Seus

ofícios, em sua maioria, distribuem-se entre os espaços da casa, arredores e a roça, atuando predominantemente em algumas esferas. A diversidade de tarefas a seu encargo (a lida doméstica, os cuidados com a horta, com os animais domésticos, entre outros), confere ao dia um ritmo subsequente ou, na expressão de Dona Corália, um “*corre-corre*” diário, iniciando desde o acordar até a hora do repouso, alongando-se por dias, semanas, meses e anos.

O trabalho foi a marca da educação e da socialização das colônias pesquisadas, desde as idosas até as mais jovens, marca extensiva a outras colônias italianas, conforme verifiquei no estudo realizado por Guacira Louro na Comunidade de Santa Tereza.⁴

Trabalhar é visto como natural, como o cantar (em especial músicas religiosas e italianas) e o rezar durante os afazeres no decorrer do dia. As mãos fortes, nodosas, a pele dura, as veias saltadas e as cicatrizes formam o mapa de uma vida de trabalho. Mãos que, se não estão revolvendo a terra ou amassando pão, estão fazendo rendas. No descanso, trabalham. No trabalho, se cansam e descansam. Acompanha-as o sentimento de que sempre há algo por fazer ou de que um esforço a mais pode ser feito.⁵

O trabalho para além da sobrevivência é legado, ensinado por seus pais e avós, construído e reconstruído no decorrer de sua vida, ensinado aos seus filhos e netos. Portanto, não é atividade estranha, mas herdada. A ação cotidiana afigura-se, de certo modo, como manifestação de seu saber e do seu querer. Ainda que organizem a lida em torno da família e que sejam dependentes do

capital, não possuem, em sua maioria, horários demarcados, nem mesmo alguém a obedecer: “*Eu faço a minha lida com o gosto, não tenho hora marcada, ninguém me obriga*”, fala Dona Ana (75 anos). O cotidiano toma feição de liberdade.

A vida cotidiana, marcada pelo trabalho e por relações predominantemente no âmbito familiar, é quebrada, especialmente, pelos encontros semanais - a partir da celebração eucarística no sábado à noite e domingo de manhã e em torno dos jogos e divertimentos na “Sociedade” (clube local), pelas novenas realizadas nas famílias no decorrer dos meses, pelos dias festivos⁶ na comunidade e pelas semanas de trabalhos preparativos destas. A realização destes trabalhos são, pois, momentos de encontros entre os moradores, particularmente diferente dos existentes aos sábados à noite ou das novenas. O caráter festivo e, portanto, descontraído, apresenta-se ampliando as margens para liberar o riso, o canto, o cômico, a brincadeira, o jogo. Confissões incomuns, contar piadas, fazer travessuras, cantar conjuntamente, ganham dimensão maior: “*A gente está aí se comunicando com as pessoas, né. No fim a gente se entretém, conversando com um, com outro e a gente sai da rotina da vida da gente*” (Corália, 55 anos). Contamos também Dona Joana (73 anos): “*Às vezes a gente dá risada, a gente canta, vai fazendo as cucas, vai botando nas formas, vai cantando, vai rezando também, muitas vezes. Uma começa um canto, outra começa outro e assim vai indo. Até esses dias tinha aquele Bortoluzzi lá, ele estava assobiando uma melodia que a gente conhecia, né, e daí nós fomos. A Rosa começou a cantar e nós fomos indo e ele, com o assobio dele*”.

Nesses momentos é possível identificar, como se refere Heloísa Bruhns,⁷ que jogar, trabalhar, dançar e festejar são gestos humanos e traduzem a sua essência.

Para aquelas que participam da ginástica é experiência inusitada poderem brincar com o corpo, movimentarem-se no ritmo da música, expressarem sentimentos... possibilidades que o trabalho diário nem sempre permite. Esta alegria move Dona Corália (55 anos) a descer o “cerro” duas vezes por semana, à noite, sozinha e a pé, para compartilhar este momento de encontro e de benefício à saúde, conforme expressa. Talvez encontrem aí não apenas um momento de reunião, mas também um momento de dedicação para si: *“A gente dá tanta risada que a gente se sente feliz, porque é pelo menos uma hora que a gente esquece todo o resto”*.

Curioso foi ouvir os comentários, permeados pelo riso, feito por algumas mulheres, na oportunidade dos preparativos da festa da Gruta, a respeito da ginástica. Colocavam que a descontração, a brincadeira, a música e a dança vívidos naqueles momentos, se faziam sentir também em outros. Confidencia uma delas: *“Agora eu danço, mas vou no banheiro dançar, se não vão achar que estou variando”*.

No domingo, apontam haver mais possibilidade para descansar, assistir à televisão, namorar, visitar ou estar na companhia da visita dos filhos, embora, principalmente na parte da manhã e no final da tarde, necessitem cuidar dos afazeres a elas inerentes. Poucas dirigem-se ao “povoado”⁸ nos domingos, em geral, um pequeno grupo que joga

baralho juntamente com os homens. A maioria das colonas permanece em suas residências. A regularidade para o jogar serve mais para os homens, não tanto às mulheres.

Se, por um lado, as colonas possuem um cotidiano de muito trabalho e muitas vezes “sem domingo”, de outro, nele também encontram satisfação. Não seria o excesso de trabalho que as impediria de receber a visita, de parar pelas estradas para papear quando se deslocam de uma roça a outra para o trabalho, de usufruírem de momentos de “folga”, de observar a natureza, de sentir a brisa, de ouvir rádio, de dedicarem-se às atividades consideradas prazerosas como costurar, bordar, fazer tricô, crochê, pão, bolacha, “schmiers”, cuca, cuidar das flores.... Para estas últimas, são aproveitados, em especial, os domingos, os períodos prescritos como de descanso, os horários de sol quente, dias de chuva e de frio e à noite: *“A tarde, depois de limpar a cozinha, enquanto o sol está muito quente, não têm o que fazer, então a gente faz crochê. A gente não fica assim, parada, sem fazer nada não, eu não consigo. Eu sempre preciso fazer um trabalhinho ou é costurar, ou é bordar, ou é crochê, ou fazer bolacha”* (Dona Augusta, 49 anos). No fazer constante, apesar da sobrecarga, encontram satisfação, formando um cotidiano possível de experimentar alegrias. Por possuírem a terra, e ela sendo a própria morada, espaço do trabalho e da família, nele podem organizar, arrumar, construir, destruir, sonhar, desejar, decidir e administrar o tempo, proporcionando-lhes sensação de liberdade, de serem donas do próprio tempo.

Cozinhar, tricotar, capinar, rezar, visitar, festejar... carregam consigo significados transcendendo o simples fazer. São atividades que a vida, desde a infância, encarregou-se de ensinar - lições adquiridas e aprendidas, experienciando no fazer, ou, no dizer de Herbert Read,⁹ numa “*educação nas coisas*”. Com elas se identificam, através delas se expressam e nelas se reconhecem e são reconhecidas.¹⁰ Suas produções são manifestações de si mesmas: idealizam, elaboram, vêem e experimentam o resultado de sua atividade. Não existe separação entre o saber e o fazer. Empenham-se para executarem tudo primorosamente, pois tudo é feito e pensado para si, para a sua família e, no caso das festas, também para a comunidade.¹¹ Celebram a comunhão com o criar, contemplar, sentir, cantar, penitenciar, exprimindo o sagrado nas coisas realizadas... Para elas, trabalho, natureza e vida, ao contrário de antagônicos, compõem um diálogo de união.

A diversão na vida das colonas pesquisadas aparece, portanto, associada muito mais ao âmbito familiar. Das possibilidades existentes na comunidade, conforme enumeram, conversas entre amigas após a celebração, assistir aos jogos de futebol e bocha quando há torneios, jogo de baralho, aulas de ginástica, festas, trabalhos de preparação das festas, bailes, balneário, nem sempre participam. Para quem mora distante, caminhar vinte, trinta minutos nas pedras e, às vezes, à noite, torna-se custoso ou inexecutável: “*Eu gosto de sair, de ir à missa. A gente foi criado como de ter costume de ir na missa, né. A gente teria que ir na missa. Até deixei de ir porque é longe de ir a pé. Mas eu gosto barbaridade de ir sába-*

do à noite. Gosto de conversar, sentar na praça com as crianças, de ouvir uma coisa diferente. Gosto de olhar jogo de bocha, de futebol” (Dona Catarina, 31 anos). Também o cansaço da labuta impossibilita participarem, explica Dona Rosália (43 anos): “*As vez a gente tira, como ontem à noite a gente foi a missa, e tira umas horas diferentes, e só, quando dá, nem sempre dá. As vezes a gente chega em casa cansada e prepara a gurizada, e precisa de uma coisa, e precisa de outra, e quantas vezes a gente planejava e hoje vamos na missa, e chegava em casa e não tinha mais ânimo de sair e ir pra missa, não*”.

Os divertimentos na vida dessa colonas se deram e se dão muito mais na própria residência, ou na de vizinhos, em meio aos trabalhos (e neles), do que propriamente fora do âmbito doméstico. A casa e arredores são os espaços nos quais, desde a infância, corre a seiva da vida, estabelecendo com eles intimidade e afeto. Desde a mais tenra idade, confundem-se ali o trabalho e a diversão. Os rios, as encostas dos matos, a carreta de boi, o declive dos morros, os galpões, as árvores foram espaços a meio caminho entre a brincadeira e o aprendizado do trabalho,¹² conforme o depoimento de Dona Joana (73 anos): “*Desde pequena fui criada ajudando o pai e a mãe. Ia na roça com eles sentada em cima da carreta de boi. Mas lá eu não agüentava tanto então, quando me cansava, ia no rio, subia nas laranjeiras para comer laranja, brincava com as bonecas do milho*”. Traduz uma lógica de continuidade entre o fazer e a vida - e entre todas as fases da vida. Traduz uma educação através da ação (ou uma “*educação nas coisas*”).

Fiel e constante à casa e à família, encontram nelas também alegrias: na companhia do rádio, sintonizado na emissora local,¹³ no contato com a natureza, na confecção de artesanatos, na visita dos filhos, no contato com os netos e sobrinhos. Cabe atenção especial o sentido de festa que carrega a elaboração de alimentos como:ucas, bolachas, doces, entre outros. O ritual para elaborá-los e comê-los simbolizam uma exceção da rotina, isto é, exceção com o que é comido e preparado todos os dias, ou ainda, com a obrigação. Simbolizam a celebração de um momento especial em família e em comunidade.¹⁴

É bem verdade ser a maior parte do tempo dedicada ao trabalho, mas é preciso dizer que a existência da divisão entre trabalho e diversão, nitidamente presente no cotidiano da maioria das pessoas, parece não estar tão demarcada na vida dessas mulheres. Talvez porque o trabalho não seja um tempo que compõe o dia, nem somente um meio de sobrevivência. Ou, talvez, porque o *fazer* tenha sido sua escola e nele tenha aprendido a arte e a poesia do *saber fazer*, que clama Herbert Read.¹⁵ Ou, ainda, porque não só o produto possui significado, mas também o processo. Enfim, talvez porque o trabalho não é um outro, fora delas, que não compreendem. E, finalmente, porque nele celebram a criação, a contemplação, a oração, a expressão de si mesmas.

Segundo as vozes e vidas das colonas, como desvincular o lúdico das demais esferas da vida? Para elas há continuidade entre o trabalho e a vida, entre a festa e a existência diária, entre os domingos e os dias que seguem,

entre o sagrado e o profano, entre o familiar e o comunitário. O jogo, a diversão apresenta-se relacionada ao todo social. Estão integrados em suas vidas. Antes de ser um tempo, ou uma mercadoria a ser adquirida, é vivenciada no cotidiano, entremeada nos afazeres, na relação com a família e com a comunidade. A sala, a cozinha, o quarto de costura, os fundos da casa, a roça, as estradas, o “povoado”, são espaços que podem se revestir de ludicidade. Não há um local específico para sua realização, porque o lúdico se inscreve na ação diária. A flexibilidade na organização cotidiana das colonas, a noção de tempo natural e o fazer enquanto expressão de si mesmas e de um ser em comunidade permite aflorar o lúdico em suas vidas.

A vida em comunidade tem como um dos vínculos de sustentação o jogo, as festas, os encontros na “Sociedade”, enfim, as manifestações lúdicas. Funcionam como elo de ligação constante entre os colonos e, entre a diversão e a discussão, alimentam laços de solidariedade e as regras que constroem e reconstróem as relações sociais. Bem nos mostrou o próprio estudo dessas manifestações que, ao lado da solidariedade, desenvolvem-se, também, desigualdades, diferenças e contradições no interior deste grupo social. Portanto, o uso do termo comunidade não tem a intenção de conotar relações homogêneas, mas designar um agrupamento que se move em torno de um coletivo e troca identidades determinadas por essa coletividade. Diferindo, pois, dos bairros urbanos onde os indivíduos estabelecem identidades entre si, majoritariamente, por sua inserção nas relações de produção.¹⁶

O estudo das manifestações lúdicas apontou, ainda, para as dificuldades engendradas nos moradores da colônia: distância entre as residências e o “povoado”, falta de companhia para determinados acontecimentos, isolamento, diversidade dos trabalhos diários e inadiáveis, divisão de tarefas, valores morais. Essas dificuldades restringem possibilidades e asseguram às mulheres o espaço doméstico. Mas, se geram dificuldades para a participação dos jogos, celebrações religiosas e festividades, a aspiração e a superação, por vezes, desses entraves, demonstradas pelas colonas, apontam para o quanto necessitamos do encontro, do outro e da festa na vida.

Ao contrário do que somos levados a pensar, as vozes e vidas das colonas nos relembram que as práticas lúdicas não pertencem somente ao universo da criança - estão presentes no cotidiano de Dona Ana aos 75 anos de idade como, também, no cotidiano de Dona Catarina aos 31 anos - e que não há necessidade de equipamentos sofisticados para a sua vivência - ela pode se apresentar nos trabalhos de agulha, como nos mostrou Dona Augusta, no ir a missa, como apontou Dona Rosália, nos trabalhos preparativos das festas, como nos contou Dona Joana...

Estes sujeitos sociais apontam que o lúdico aflora no cotidiano e, como uma criança, convida e conduz pelas mãos para jogar baralho, cantar, colher flores, enfeitar a casa, fazer doces, confeccionar rendas, festejar, dançar - ainda que no banheiro - e encontrar amigos. Eles nos ensinam que o lúdico não está separado da ação humana. Portanto, como pensar a aprendizagem sem o brinqueado? A escola sem a alegria? A

Educação Física sem o jogo? Bom seria se a escola e as aulas de Educação Física fossem espaços preocupados em recompor o que está se perdendo ou fertilizar o que está esquecido dentro de nós.

Notas

- ¹ Simone WEIL, A condição operária e outros estudos sobre a opressão.
- ² Ademir GEBARA, O tempo na construção do objeto de estudo da história do esporte, do lazer e da educação física. Ponta Grossa, 1994. In: Encontro Nacional de História do esporte, Lazer e Educação Física, 2. Coletânea. Ponta Grossa, p.179.
- ³ Johan HUIZINGA, Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. A 1ª edição do original se deu em 1938.
- ⁴ Guacira Lopes LOURO, Lembranças de velhas colonas italianas: trabalho, família e educação. Revista Educação e Realidade.
- ⁵ Sentimento e estímulo faltam aos operários das fábricas, discute Simone WEIL, A condição operária e outros estudos sobre a opressão.
- ⁶ Realizam anualmente seis festas comunitárias: Festa de Corpus Christi, da Gruta, de São Valentin, dos Motoqueiros, dos Ex-alunos e o Festival de Inverno.
- ⁷ Heloísa Turini BRUHNS, O corpo joga, trabalha, dança e festeja.
- ⁸ Denominação dada ao local que concentra um aglomerado de casas, a Igreja Matriz, o Seminário Rainha dos Apóstolos, a Casa Paroquial, o clube local, o comércio, o posto telefônico e bancário, entre outros.

⁹ Herbert READ, A redenção do robô, p. 48-61.

¹⁰ Silvino SANTIM, A imigração esquecida, p.64, lembra que para esses colonos o trabalho também é uma forma de “avaliação das pessoas”.

¹¹ José Vicente T. dos SANTOS, Colonos do vinho, p.34, escreve: “Não se realiza a separação do trabalho da pessoa do trabalhador nem a conseqüente conversão da força de trabalho em mercadoria. Cada pessoa da família camponesa desempenha um trabalho útil e concreto, segundo o momento e a necessidade. Desse modo, estrutura-se no interior da família uma divisão técnica do trabalho, articulada pelo processo de cooperação, resultando numa jornada de trabalho combinada dos vários membros da família”.

¹² Carlos Rodrigues BRANDÃO, em O trabalho de saber, ao estudar as relações entre educação escolar e a cultura camponesa, aponta para a importância da educação das crianças, iniciada desde cedo, a meio caminho entre o trabalho e a brincadeira.

¹³ Utilizado por todas as famílias, acompanham as notícias locais e regionais, as missas e as músicas.

¹⁴ Segundo discute Klaas WOORTMANN, em A comida, a família e a construção do gênero feminino, hábitos e classificações alimentares em determinados grupos sociais identificam e marcam, entre outras coisas, o tempo - um tempo de fartura e um tempo de recessão, um tempo de trabalho e um tempo de festa.

¹⁵ Herbert READ, A redenção do robô.

¹⁶ Ver Néstor García CANCLINI, As culturas populares no capitalismo.

Bibliografia

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural*. São Paulo : F.T.D., 1990.

BRUHNS, Heloísa Turini. *O corpo joga, trabalha, dança e festeja*. Campinas, 1992, Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Filosofia e História da Educação, UNICAMP, 1992.

CANCLINI, Néstor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo : Brasiliense, 1982.

GEBARA, Ademir. O tempo na construção do objeto de estudo da história do esporte, do lazer e da educação física. Ponta Grossa, 1994. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., *Coletânea*. Ponta Grossa, 1994, p. 175 -89.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 4. ed. São Paulo : Perspectiva, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. Lembranças de velhas colônias italianas: trabalho, família e educação. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n. 2, jul./dez. 1990.

SANTIN, Silvino. *A imigração esquecida*. Porto Alegre : Escola Superior de Teologia, 1986.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. São Paulo : Hucitec, 1978.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.

WOORTMANN, Klaas. *A comida, a família e a construção do gênero feminino*. Brasília, n.50, 1985.